



País tem mais de 28 mil homicídios entre janeiro e junho e Wilder cobra providências

Wilder Morais garante: "Serei candidato da base ou sozinho"



CERRADO



Goiânia, SEGUNDA-FEIRA, 2 de outubro de 2017

[f](#) [i](#) [t](#) /wildermorais

**MARCA
LEGENDÁRIA
DOS ANOS 80
CONTINUA
DE PÉ**

CULTURA / VIDEOGAMES

Atari ressurgue tímida e humilde

WELLITON CARLOS

A empresa Atari, que criou enorme expectativa ao lançar fotos de um novo, bonito e misterioso console, confirmou o Ataribox para 2018. Mas não é nada mega, como esperavam ansiosos os fãs da marca.

A volta ao universo de hardware para games é apenas um show caseiro, sem perspectivas de ameaçar os grandes players do mercado. Feargal Mac, criador do projeto, explicou que a empresa pretende unir um processador AMD a uma GPU Radeon e sistema Linux – para “dar mais liberdade” ao usuário. E dessa combinação criar um hardware que permita jogar as criações do passado e outras que não exijam do suporte – “Minecraft” e “Terraria” seriam o limite do console. Parece que a intenção da Atari é se aproximar das TVs

para a realização de streaming e navegação. Nesta abordagem, a empresa deixaria de lado o imenso vácuo das atuais empresas e tentaria se posicionar em uma área mais modesta. O mais interessante de tudo é que a Atari ainda não tem recursos para bancar o projeto, que começaria de forma indie, com financiamento dos fãs.

A Atari iniciará em breve uma campanha pelo site indiegogo, onde espera a colaboração de fãs em busca da captação de recursos. A ideia é que depois de prontas as máquinas sejam vendidas por US\$ 250 e US\$ 300.

Considerada uma das principais empresas de desenvolvimento de consoles de videogames da década de 1970 e 1980, a Atari foi superada pelos games de terceira e quarta geração e desde então tenta se recolocar no mercado dominado pela Sony (Playstation 4),

Nintendo (Wii U e Switch) e Microsoft (Xbox One).

Atari ainda existe oficialmente como um fantasma de consoles, caminho diferente do adotado pela Sega, que desde o Dreamcast optou em sair do mercado e se concentrar na programação e game design.

FIM DO MISTÉRIO

Para os fãs da Atari, existia uma mínima chance da empresa se inserir no atual mercado de games realistas e em 3D, o que a empresa jamais ousou. A Atari se manteve como líder dentre os consoles 4k (segunda geração).

A empresa surgiu no mercado com jogos como “Space Invaders”, “Pitfall”, “Enduro”, “Pacman” e entrou em decadência na era de ET.

Os games da época da Atari são evoluções dos jogos Pong, com o detalhe de que foram desenvolvi-

dos em sua maioria na linguagem Basic que permitia mais elementos animados ao mesmo tempo e uma jogabilidade mais complexa do que os vovôs Magnavox Odyssey (1972) e Telejogo (lançado no Brasil em 1976).

Um dos motivos para a decadência da empresa está na acirrada disputa com os consoles que surgiram na época, caso do Intellelevision (Mattel), o Magnavox Odyssey 2 e os genéricos que apareceram em cada país – no Brasil, a CCE e a Dactari arrancaram fatias de mercado da empresa americana.

A Atari entrou em derrocada com a grande crise do videogame, que ocorreu em 1983 e que abriu espaços para o surgimento de novas tecnologias e o primeiro reinado da Nintendo. Seu último console de sucesso (Jaguar) enalhou e tornou-se hoje peça

rara e de colecionadores de vintage games.

CORRELATA

O Ataribox tem um design envolvente, mais uniforme, com referências ao tradicional 2600, como a simulação de madeira (usada na primeira geração) e abertura para cartões de memória.

Conforme a empresa, duas versões do Ataribox já estão fechadas: a que simula o detalhe em madeira (referência explícita ao caráter vintage dos games da primeira e segunda geração) e uma outra “caixa” em vermelho. O console terá entrada para cartão SD e cabo HDMI, além de quatro portas de USB.

“Nosso objetivo é criar algo novo, que permaneça fiel ao nosso legado e tenha ao mesmo tempo apelo tanto para fãs antigos do Atari quanto para os novos”, diz a empresa.

SEGURANÇA PÚBLICA

País já registrou mais de 28 mil assassinatos no primeiro semestre e Wilder



JOÃO CARVALHO

Ano após ano o Brasil registra impressionantes e preocupantes números e estatísticas sobre homicídios, especialmente praticados contra jovens e negros nas periferias das grandes cidades. E 2017 não foge à regra. Segundo informações repassadas pelas secretarias de segurança pública dos Estados, de janeiro a junho foi ultrapassada a marca dos 28 mil assassinatos cometidos neste ano.

O número é 6,79% maior do que no mesmo período do ano passado e indica que o País pode retornar à casa dos 60 mil casos anuais. De posse desses números, o se-

nador Wilder Moraes (PP) avalia e lamenta que o País viva uma guerra interna, com tantas mortes e perdas.

“São números que impressionam e causam extremo desconforto e indignação a todos. Alguma coisa está completamente errada. E precisamos fazer algo o mais rápido possível para minimizar esse quadro”, defendeu Wilder.

Os mais de 28 mil assassinatos no Brasil foram cometidos de forma dolosa, por lesões corporais seguidas de morte e latrocínios (roubos seguidos de morte). Esse número nos indica que são 155 assassinatos por dia, cerca de seis por hora nos Estados brasileiros, onde as características

das mortes se repetem: ligada ao tráfico de drogas e tendo como vítimas jovens negros pobres da periferia executados com armas de fogo.

Wilder Moraes lembra que esse imensa quantidade de pessoas assassinadas no Brasil supera as mortes na Síria, país do Oriente Médio que vive uma guerra interna com um grupo islâmico radical. “Aqui não temos nada disso. As mortes são protagonizadas muitas vezes pelo crime organizado, mas ocorrem milhares de casos por outros motivos que bem poderiam ser evitados”, informa o senador.

O aumento dos homicídios no Brasil acontece em um ano marcado pelos

massacres em presídios, pelo acirramento de uma briga de duas facções do crime organizado (Primeiro Comando da Capital e Comando Vermelho), dificuldades de investimento dos Estados na área e um plano federal de apoio que avança menos que o prometido.

O senador Wilder reconhece que conter essa onda de crimes no Brasil não é tarefa fácil. Avalia que é preciso levar em conta a necessidade de novos investimentos na área da segurança, aumento do efetivo policial e políticas públicas que sejam capazes de atrair jovens às escolas e de permitir que eles tenham empregos.

“Como a gente percebe

e já sabe, a crise econômica acaba por também ajudar nesse aumento do número de crimes de homicídio no País. O que reforça a minha tese de que precisamos sair dessa crise o quanto antes para os investimentos voltarem e os empregos assegurarem melhorias na vida dos nossos jovens e suas famílias”, alerta Wilder.

Wilder que é autor de vários projetos idealizados para melhorar os indicadores sobre segurança, diz que também é preciso repensar muitas situações, que envolvem a penalização efetiva de pessoas que cometem crimes graves e mesmo assim seguem em liberdade ou que ficam pouco tempo atrás das grades.

O SENADOR WILDER NA MÍDIA

Diário da Manhã

WILDER MORAIS

“Serei candidato da base ou sozinho”

Decidido a disputar a reeleição, senador do PP recebe apoio de prefeitos e conversa com todas as forças políticas do Estado – situação e oposição

MARCUS VINÍCIUS

O senador Wilder Moraes (PP) afirmou que não abre mão de ser candidato à reeleição em 2018 e que se não puder ser pela base governista, vai buscar um projeto sozinho. “Não abro mão não. Não quero ser vice e não quero ser suplente. Quero ser senador. Service do José Eliton (PSDB) é ótimo, mas acho que hoje eu posso ajudar mais o estado no Senado. Só não serei o candidato da base se a base não me quiser. Eu sou amigo de todo mundo. Eu sou candidato, nem que seja sozinho”, enfatizou.

Empresário do ramo da construção civil, Wilder enfrenta a concorrência da senadora Lúcia Vânia (PSB), que busca o terceiro mandato. No próximo ano, duas vagas estão em disputa ao Senado, uma delas está “reservada” ao governador Marconi Perillo (PSDB); Wilder e Lúcia disputam a outra cadeira.

Na festa de seu aniversário, em sua fazenda no município de Nerópolis, na Grande Goiânia, o pepista

recebeu o incentivo do governador Marconi Perillo, que disse ter definido dois votos para as eleições de 2018: José Eliton para governador e Wilder Moraes para senador.

Wilder, assim como Lúcia Vânia, é presidente de seu partido. Com o controle do PP, ele ameaça deixar a base e concorrer em faixa própria. Mas na política nada funciona assim. Se deixar a aliança governista, Wilder terá que escolher um dos dois candidatos da oposição para levar à frente do seu projeto político e já é de conhecimento

público que o senador teve conversas com ex-governador Maguito Vilela (PMDB) e com o senador Ronaldo Caiado. Nesta semana, inclusive, o prefeito de Aparecida de Goiânia, Gustavo Mendanha (IPMDB), declarou apoio à candidatura de Wilder, elogiando sua atuação no Senado Federal.

APOIO DO PP

Os jornalistas Rubens Salomão, Cleber Ferreira e Eduardo Horácio,



Wilder Moraes: apoio de 176 prefeitos para disputar reeleição ao Senado

rádio 730/AM, questionaram Wilder Moraes sob a possibilidade do presidente nacional do PP, Ciro Nogueira negar-lhe a legenda, uma vez que ele também é amigo do governador Marconi Perillo (PSDB). Wilder rejeita esta possibilidade, mas afirma que se algo assim vir a acontecer - ou seja, perder a legenda e a condição de ser candidato -, ele deixa a vida política.

“Vou para casa”, declara.

Os apresentadores também especularam sobre a possibilidade do governador Marconi Perillo ser chamado pelo PSDB para ser o candidato do partido à presidência. Considerando este cenário, Wilder avaliou a possibilidade de concorrer ao Senado na mesma chapa que Demóstenes. “Eu posso fazer o que ele (Demóstenes) fez comigo, convidá-lo para ser meu suplente. Eu torço para que ele recupere seus direitos políticos. Como são duas vagas, tomara que o governador seja presidente, nós dois (Wilder e Demóstenes) podemos ir para o senado”, pondera Moraes.


Wilder Moraes fez questão de dizer que não tem “Plano B”, e que não aceita ser candidato a vice-governador, deputado federal ou suplente. Ele declara que não tem inimigos na política e que é amigo de todo mundo, seja o senador Ronaldo Caiado, ex-governador Maguito Vilela ou o deputado federal Daniel Vilela. “Não brigo com ninguém, só não serei candidato pela base, se ela não quiser. Sou candidato de qualquer jeito, nem que seja sozinho”, reitera.

O senador confessa que sente incômodo com a condição de ter assumido como suplente e por isto faz questão de ser eleito em 2018, através do voto direto. Neste sentido, ele ressalta que empreendeu grande mobilização pelo interior do Estado visitando prefeitos, vice-prefeitos e conversando com vereadores e lideranças políticas.

Biblioteca Bernardo Élis

wildermoraes.com.br/biblioteca



   /wildermoraes

No escritório do mandato, em Goiânia
Rua 88, nº 613, Qd. F-36, Lt. 06-81,
Setor Sul – CEP 74-085-115.
Telefone: (62) 3638-0080/(62) 3945-0041